



isto é inconfidência

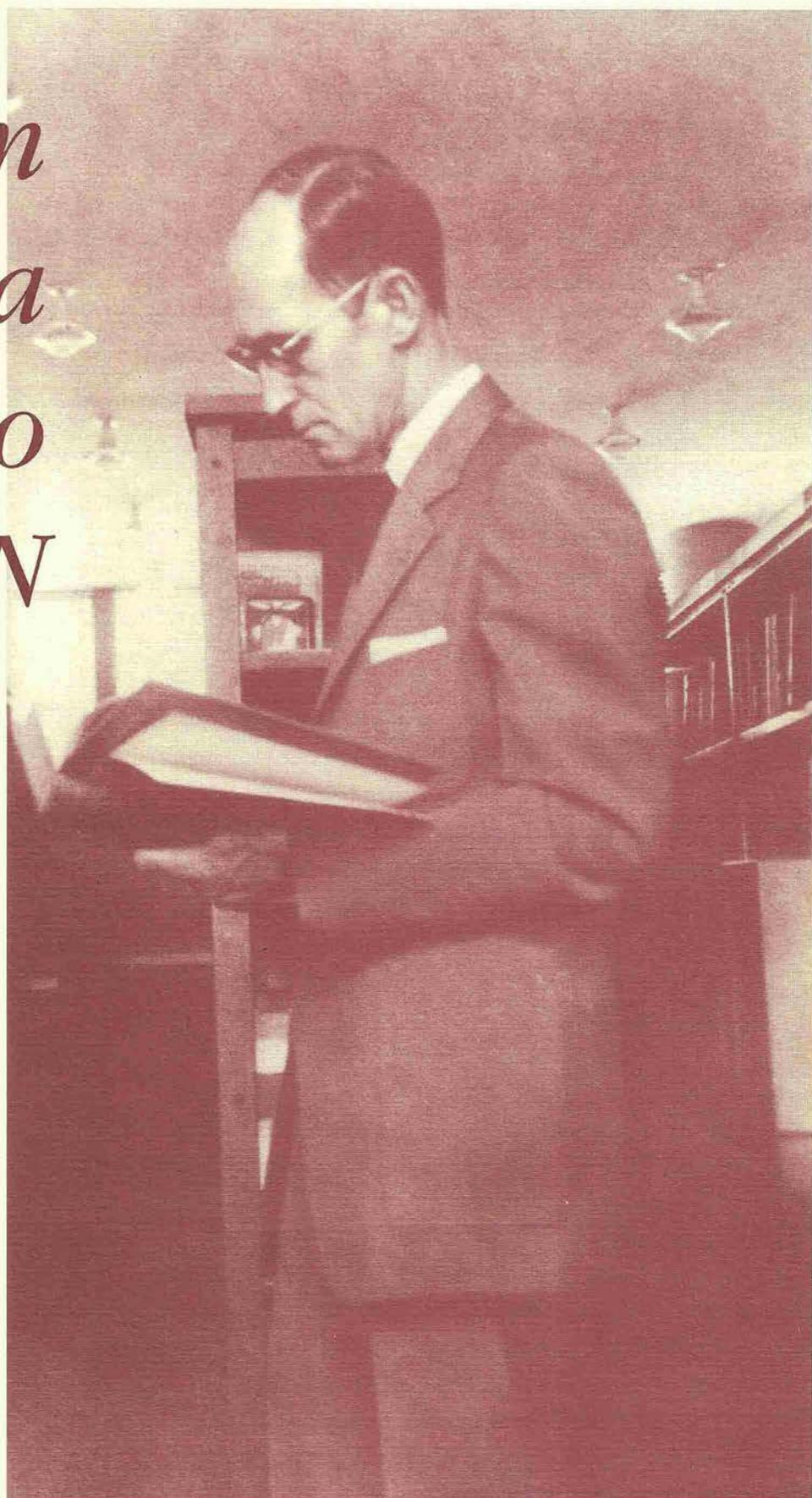
BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO IV • Nº 10 • 2002

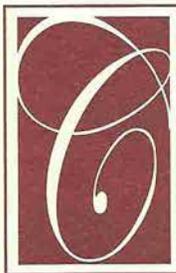
Um arquivista no IPHAN

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE,
MILITANTE EFETIVO
DA CAUSA
DA PRESERVAÇÃO
CULTURAL
NO BRASIL**

páginas 4 e 5



editorial



Carlos Drummond de Andrade foi notável exemplo de dedicação à literatura. Diplomado em Farmácia, não exerceu a profissão. Praticou jornalismo até passar a trabalhar no gabinete de Gustavo Capanema, então secretário de estado do Interior e Justiça de Olegário Maciel. Acompanhando Capanema, convocado para ministro

da Educação e Saúde do governo de Getúlio Vargas, por nove anos exerceria no Rio de Janeiro a função de chefe de gabinete. Em seguida, até se aposentar, seria chefe da Seção de Documentação e Tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Para ter assegurada a subsistência, sempre se ancorou em funções burocráticas, que naturalmente lhe pareciam mais compatíveis com a carreira intelectual. O caráter rotineiro do serviço público acaba sendo proteção, na medida em que deixa livre as potencialidades criadoras de quem o integra. A única atividade de outra natureza a que o poeta se entregou, até com continuada fidelidade, seria o jornalismo. Mas mesmo aí soube se proteger, optando pelo gênero da crônica. Só aceitava consumir as suas energias intelectuais verdadeiras no sentido da literatura. A prática da crônica oferecia-lhe interessante compensação, a de aproximar o escritor do seu público.

O envolvimento com a literatura desde o princípio se fez sem reservas e Drummond logo se tornaria líder do grupo formado em torno de *A Revista*, órgão surgido para ser a frente avançada do Modernismo em Minas. Determinado desde sempre a realizar a grande obra que realizou, ele se articulou com os paulistas da Semana de Arte Moderna, entrou em contato no país inteiro com escritores formados em torno das idéias que estavam revolucionando as nossas letras. Acabou sendo acatado pelos companheiros locais como a figura de proa que abria caminho. Tinha vocação política nata e a prova mais cabal de que a sua opção literária era para valer está numa circunstância que merece consideração. Atuando anos seguidos ao lado de um amigo que ocupou postos destacados da República, não chegou sequer a cogitar a possibilidade de se enveredar também por aquele campo, para o qual possuía inegável talento. Em certa fase, envolveu-se com o Partido Comunista, mas de forma episódica, talvez como reflexo dos espasmos que ocorriam do lado da literatura, onde os chefes do arrastão, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, andaram se alistando e desalistando nas fileiras de Luis Carlos Prestes.

Capa:

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
FOTOGRAFIA • ACERVO DA FAMÍLIA DRUMMOND DE ANDRADE

isto é inconfidência

ANO IV • Nº 10 • 2002

Publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais
Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233
museuinc@feop.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
Trimestral - abr/maj/jun

Projeto Gráfico
Laís Freire dos Reis

Editor
Rui Mourão

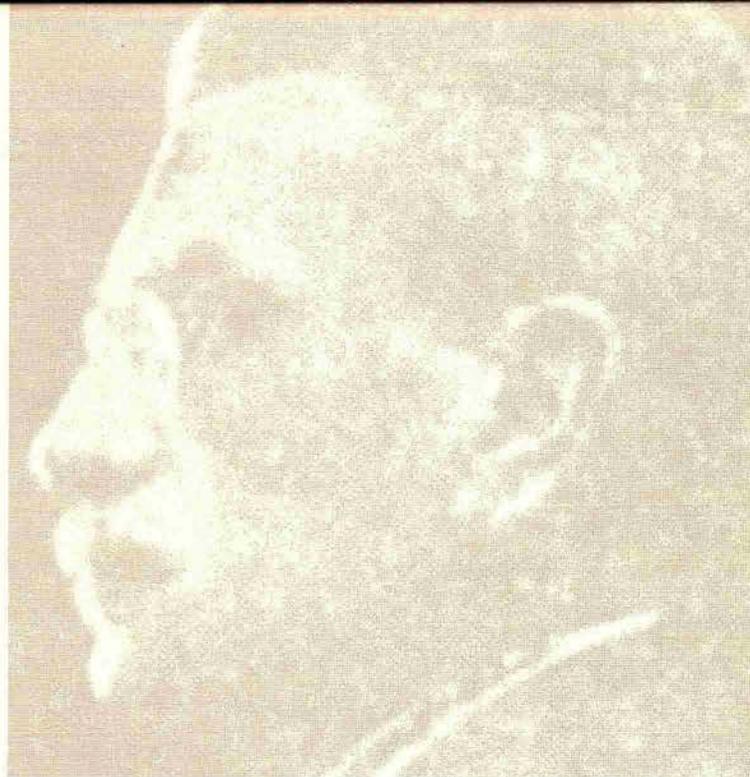
Cerca de trinta anos antes de a caravana de participantes da Semana de Arte Moderna aportar em Ouro Preto, por lá estiveram dois outros literatos ilustres. Ao contrário do grupo paulista, que buscava o legado histórico e artístico dos tempos coloniais, a presença de Coelho Netto e Olavo Bilac se deu por outro motivo. O poeta se exilava, face à perseguição que lhe movia o presidente Floriano Peixoto, e o prosador, que era florianista, deixou o Rio de Janeiro logo após a eclosão da Revolta da Armada. Embora se refugiassem na então capital de Minas Gerais pela mesma época, eles não se cruzariam em ter-

Coelho Netto e Bilac em Ouro Preto

ritório mineiro. Deduz-se que a permanência de Coelho Netto seria curta, a partir de setembro de 1893, e que Bilac chegaria em novembro do mesmo ano. No pleno fastígio da criatividade intelectual, foi sob a forma literária que ambos registrariam sua presença na cidade.

Parece que em *Por Montes e Vales* (1899), Coelho Netto pretendeu fazer relato de viagem, mas descambou para a narrativa romanceada. Disfarçou alguns personagens com nomes de fácil identificação, como Afonso A. (Arinos) e Cesário A. (Alvim), escondeu outros sob pseudônimo, caso do companheiro de viagem Riancho (cuja figura de boêmio, fanfarrão e artista polivalente corresponde à de Emílio Rouède) e mencionou os demais pelo próprio nome (Raimundo Corrêa, Augusto de Lima, Afonso Guimarães). Segundo o contexto do livro, o autor e Riancho se hospedaram na residência de Arinos, que os levou a passeio por Ouro Preto, pilotando - ele mesmo - um "faéton tirado por percherão valente". São interessantes as descrições sobre as visitas à Escola de Minas, à casa de Gonzaga e à de Marília,

a quem chamou de "alma lírica da Inconfidência". Mais importante consiste o relato sobre cenas da prisão que funcionava no prédio ora ocupado pelo Museu da Inconfidência com a promiscuidade de doentes na enfermaria contrapondo-se à tranqüilidade do trabalho dos presos em oficina de sapataria. Por fim a transcrição - real ou fictícia - sobre os crimes praticados por alguns dos prisioneiros, em sua maioria escravos. Coelho Netto refere-se ainda a visita a João Pinheiro - "apaixonado colecionador de documentos históricos" - que o teria presenteado com mapa elaborado por Tiradentes (!). Ao término da



COELHO NETTO

estada nas Alterosas, a volta ao Rio de Janeiro, com elogios ao povo mineiro, aos vinhos do Hotel Martinelli e à "cidade-reliquia".

Da permanência de Olavo Bilac na região, resultaram o romance *Sanatorium* (de parceria com Magalhães de Azeredo e só publicado em livro no ano de 1977) e uma série de artigos reunidos em *Crítica e Fantasia* (1904). O enredo do romance desenrola-se na cidade imaginária de São Bernardo, onde se situava o Hotel Oriente. Entre os hóspedes predominavam pessoas oriundas do Rio de Janeiro durante a Revolta da Armada. Com facilidade porém se identifica Ouro Preto na descrição da paisagem, na menção de igrejas como as do Carmo e São Francisco e nas referências à companhia de óperas bufas liderada por "Ifigênia da Costa", ou seja a atriz Ismênia dos Santos, que alegrou as noites ouropretanas da época.

Nas crônicas inseridas no capítulo "Em Minas", do livro *Crítica e Fantasia*, observam-se pretensões de historiador. São nove textos resultantes de visitas à região, somadas a pesquisas superficiais. Predominam, em quase todos, comparações entre o estado de ruína encontrado em oposição ao fausto do período colonial. Naquele dedicado a Marília, contesta a decantada fidelidade da musa ao poeta, atribuindo-lhe "amores menos platônicos" e "descendência farta", após o degredo de Gonzaga. No alentado estudo *Marília de Dirceu* (1932) Tomás Brandão refuta esta afirmativa malévola, que pode ter sido vingança retroativa de Bilac por precisar sair de Ouro Preto às pressas, depois de envolver-se em incidente com fazendeiro local. A retirada intempestiva do poeta ficou registrada em versos que circularam pelas ruas da cidade, na voz do tipo popular Zé da Fé:

Estudantes de Ouro Preto,
Todos vestidos de fraque
Foram ao Martinelli
E expulsaram Bilac.



OLAVO BILAC • DESENHO DE ANTÔNIO CARNEIRO



Carlos Drummond de Andrade pode ser incluído no grupo de intelectuais, quase todo relacionado com a Semana de Arte Moderna de São Paulo, que produziu a chamada fase heróica do IPHAN? Seria oportuno apurar quando e em que medida o poeta acabou se tornando um militante efetivo da causa da preservação cultural no Brasil.

Na chefia do gabinete do ministro Gustavo Capanema, testemunhou de perto os entendimentos para a criação do Patrimônio. Deve ter desempenhado mesmo o papel de constante intermediário entre Mário de Andrade, o companheiro de literatura que trabalhava o projeto do órgão a ser implantado, e o titular da pasta da Educação e Saúde. Mais envolvimento de Drummond com a área seguramente aconteceu a partir da escolha de um mineiro da ilustre estirpe dos Mello Franco para dirigir a repartição afinal criada. Entretanto, ele nunca chegaria a ser freqüentador da roda que diariamente se reunia, ao encerrar do expediente, para os desafogados bate-papos em torno de Rodrigo, no gabinete.

O poeta se protege

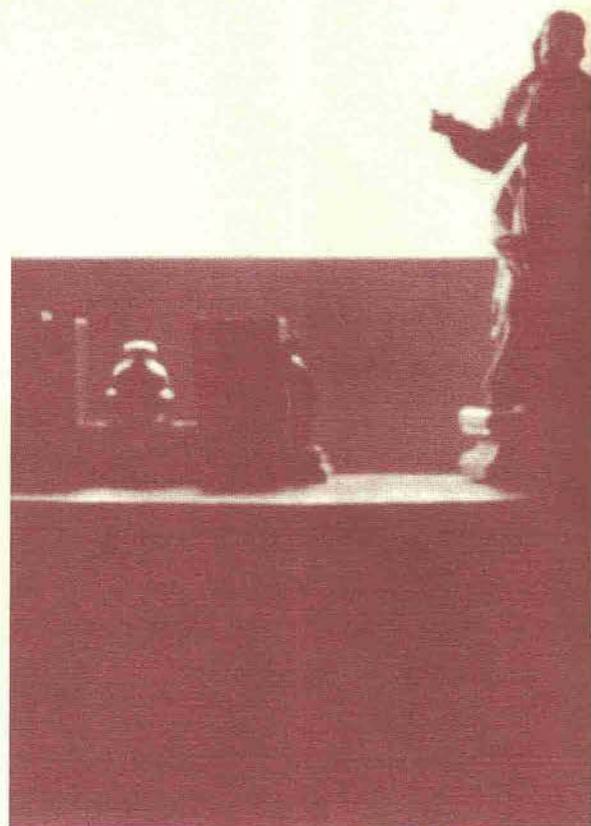
4 Não há dúvida, com relação ao Patrimônio Drummond foi também um *gauche*. Compromissado com o grande projeto de realizar a maior obra poética da sua geração, ele não podia se dar o luxo da dispersão. Precisava manter-se diuturnamente concentrado. Em conversa com um escritor mais jovem, lamentando os nove anos perdidos na chefia do gabinete, chegou a aconselhar: "Não se deixe absorver demais por outras funções. Reserve tempo para a sua literatura".

Convivendo na intimidade com as questões patrimoniais e tendo entendimento muito vivo do que as cidades históricas mineiras passaram a representar para o Modernismo, do qual era um dos militantes mais convictos, o autor de *Fazendeiro do Ar* jamais produziu qualquer texto teórico sobre o assunto. Em suas crônicas, de maneira esporádica aludiu à questão da preservação ou exaltou personalidades envolvidas com o IPHAN. E foi só.

Quando, ao deixar a chefia do gabinete do ministro veio se enquadrar como contratado do IPHAN, escolheu uma função de responsabilidade tranqüila, colocando-se à margem de qualquer tumulto maior que pudesse se instalar na repartição. Assumiu a chefia da Seção de História da Divisão de Estudos e Tombamentos. Cabia-lhe administrar o arquivo hoje denominado Noronha Santos tendo, entre outras tarefas, a de cuidar da guarda do Livro do Tombo, nele fazendo os necessários registros.

O cargo cabia-lhe como uma luva. Intelectual dos mais organizados que se conhece, Drummond possuía instinto de arquivista e veio pelos anos afora administrando de maneira exemplar a documentação da sua vida literária. Essa atividade do escritor acabou por se tornar famosa. Trabalhando no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, onde éramos encarregados da organização dos números especiais, recebíamos constantes subsídios do arquivo dele. Certo dia, a redação é que lhe emprestaria material sobre Arduino Bolívar, educador mineiro que fizera época na Belo Horizonte do tempo da sua juventude. Semanas depois, Drummond devolvia-nos tudo arrumado, inclusive com o levantamento de um índice para a orientação de quem voltasse ao exame daqueles papéis.

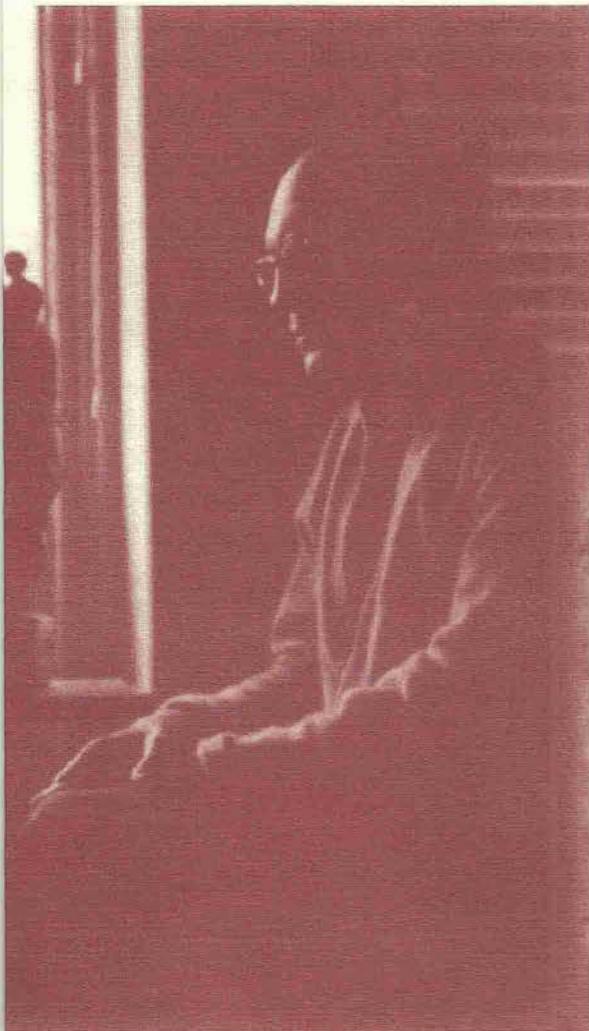
Um arq no IP



Patrimônio tornado emoção

O homem que de todas as maneiras procurava preservar e bem direcionar as suas energias criadoras mas acumulara profunda vivência do passado cultural de Minas Gerais devido a um longo intercâmbio mantido com pessoas e ambientes - não podemos esquecer que era natural de Itabira - ficaria sem dar atenção maior a um assunto em que a sociedade inteira estava interessada, quando nada por dizer respeito à nossa própria afirmação nacional? Claro que não. A contribuição dele para valorizar o patrimônio histórico e artístico seria no campo da própria poesia. Quer dizer, sem fazer concessões que atentassem contra sua disciplina intelectual, Carlos Drummond de Andrade se voltaria para esse lado oferecendo o mais fundamental que estava em condições de oferecer:

viivista **PHAN**



A experiência que lhe chegou através do companheiro de Minas Gerais, amigo e presidente do IPHAN, seria registrada em versos: "Rodrigo míope curvado/sobre traças esfareladas de capelas / e fortalezas em cacos", pesquisando "As coisas que restituiu do sol da História". No desempenho das suas funções no Arquivo, juntava em pastas fotografias, plantas, pareceres, documentação sobre monumentos do país inteiro. Muito sedentário, as suas viagens eram raras, mas chegou, na juventude e na década de 50, a freqüentar Ouro Preto e Mariana.

Tudo concorreu para fazer vibrar a sua sensibilidade no encontro com o passado mineiro. A antiga capital despertou em Drummond momentos de grande força lírica. Ele deixaria, sobre o geral da cidade, o texto Contemplação de Ouro Preto e os poemas Estampas de Vila Rica e Morte das Casas de Ouro Preto. Uma visita ao Museu da Inconfidência foi registrada em versos emocionados, mas é dentro da nave da igreja de São Francisco que ele totalmente vai se entregar:

Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxeste-me a São Francisco
E me fazeis vosso escravo

.....
Mas entro e, Senhor, me perco
Na rósea nave triunfal.
Por que tanto baixar o céu?
Por que esta nova cilada?

Do Hotel Tóffolo, dirá:

E vieram dizer-nos que não havia jantar:
Como se não houvessem outras fomes
E outros alimentos.
Como se a cidade não servisse o seu pão
De nuvens.
Não, hoteleiro, vosso repasto é interior
E só pretendemos a mesa.
Comeríamos a mesa, se no-lo ordenassem as
Escrituras
Tudo se come, tudo se comunica
Tudo, no coração, é ceia.

Unindo a sua voz à daqueles que faziam a defesa de Ouro Preto, num momento em que o abandono ameaçava a cidade, o poeta ao escrever Triste horizonte quando era Belo Horizonte que estava correndo risco, demonstrou interesse inclusive pela preservação ambiental.



ensaio *Entre a Cruz e a Espada - A saga do valente e devasso padre Rolim* (Paz e Terra, 2002, 202p.), do jornalista Alberto Wagner de Almeida, rediscute aspectos polêmicos da Inconfidência Mineira, sobre a qual ainda há muito a esclarecer.

A bibliografia apresentada pelo autor peca pela irregularidade: lista livros sérios como *A Inconfidência Mineira*, de Lúcio José dos Santos, ao lado de obras menores, escritas apenas para tentar diminuir a figura de Tiradentes, como *Tiradentes, o Mito e a Nação*, de Sérgio Faraco. Se o prefácio promete referências a "obras de autores consagrados da historiografia mineira", são inaceitáveis as omissões dos excelentes *A Inconfidência Mineira: uma síntese factual*, de Inácio Jardim, e *Tiradentes: A Inconfidência diante da História*, de José Cruz Vieira. Diz Almeida que,

PADRE, LIVRO E EQUÍVOCO

por falar abertamente sobre o levante, Tiradentes poderia ter conduzido os companheiros a morte terrível, comprometendo todos. Na verdade, ocorreu o oposto: sabendo que para ele não haveria salvação, o inconfidente assumiu a culpa e se apresentou perante a justiça da Rainha como o único condenado à força, salvando os demais.

Apontando erros de historiadores, o autor também comete equívocos. Um deles, o de repetir a dúvida que perdurava há oitenta anos, mas foi sanada por pesquisa que publiquei em *O Estado de São Paulo* de 13/10/2001, sobre a identidade do legista conhecido pelo apelido de Paracatu. Este admitiu ter falseado o laudo cadavérico de Cláudio Manoel da Costa, atestando suicídio quando foi assassinato a verdadeira *causa mortis* do poeta.

O livro, que não muda a História do Brasil, como pretende a orelha, termina com a constatação de que há muito por estudar sobre a Inconfidência Mineira, capítulo dos mais ricos da nossa História.

SÉRGIO AMARAL SILVA
JORNALISTA E PESQUISADOR DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

I

O Museu da Inconfidência lançou, em 17 e 18 de maio, o filme *Corações Ardentes - Eu fui Marília de Dirceu*, do cineasta e roteirista mineiro Raimundo Evans. O filme, que teve como cenário Ouro Preto e a Serra do Caraça, contou com pessoas da comunidade em seu elenco.

II

No nosso pátio interno, desde 15 de junho, em finais de semana alternados, vem sendo realizado o Projeto Cultura e Arte no Museu da Inconfidência, de apresentações de balé, quartetos de corda, grupos folclóricos regionais, entre outros espetáculos.

A primeira apresentação foi da Escola de Balé La Prima Ballerina, dirigida por Adriana Andrade, que acaba de completar 25 anos de atividade. A programação variou de clássico a coreografias em homenagem ao pentacampeonato brasileiro.

III

De 27 de agosto a 26 de setembro, o projeto Vídeo Científico vai realizar o programa de Combate a Violência Contra a Criança e o Adolescente. Serão feitas exibições de filmes, palestras e debates com autoridades e representantes de entidades ligadas ao fórum da Comarca de Ouro Preto.

O evento será encerrado com uma mesa redonda composta por juiz, promotores, advogados e médicos que trabalham em defesa do Estatuto da Criança e do Adolescente. Será discutida a questão do abuso sexual contra menores em Ouro Preto.

IV

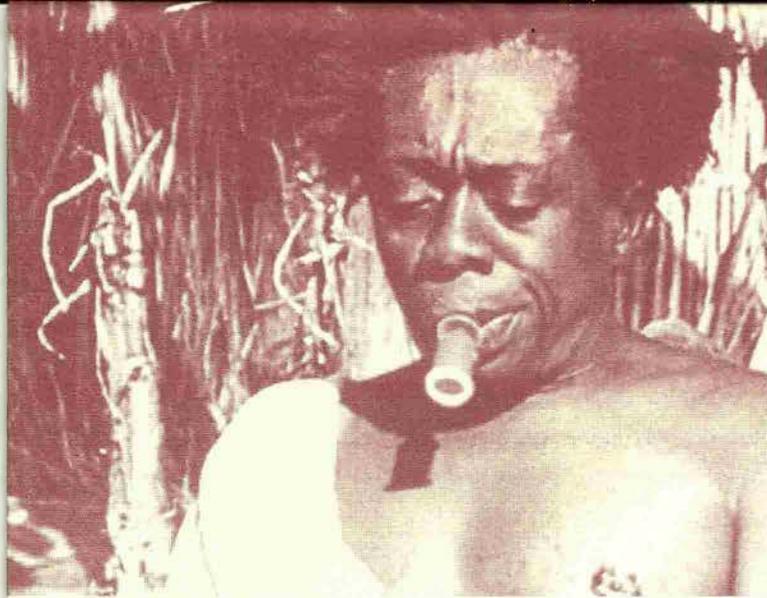
Ainda no mesmo mês, serão iniciados os trabalhos relacionados com o Programa e Promoção do Patrimônio Imaterial Oral de Ouro Preto. A ação oferecerá subsídios para a releitura da História social e cultural de Minas Gerais e de Vila Rica em fins do século XIX, início e meados do século XX, através do entendimento do que foi o cárcere em Minas Gerais, especialmente na Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica. Para a realização do projeto, contaremos com o apoio da Secretaria de Justiça do Estado de Minas Gerais.

V

Em setembro, o Museu da Inconfidência, em parceria com o Núcleo Contemporâneo de São Paulo, coordenado pelo pianista Benjamin Taubkin, lançará CD's que resgatam e reúnem peças do folclore brasileiro e produções de músicas contemporâneas.

VI

O projeto Vídeo no Anexo, de agosto a dezembro estará exibindo clássicos de cine-comédia e mostras de cineastas brasileiros consagrados, como Humberto Mauro, Joaquim Pedro de Andrade, Cacá Diegues, Nelson Pereira dos Santos, Walter Salles, entre outros.



GRANDE OTELO, NO PAPEL DE MACUNAÍMA

Joaquim Pedro de Andrade

Jascido no Rio de Janeiro, a 25 de maio de 1932, foi o segundo filho de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, o criador do serviço de proteção ao patrimônio histórico nacional. Bacharel em Física, em 1961 e 1962 cursou bolsas de cinema, respectivamente do governo francês e da Fundação Rockfeller.

No início dos anos 60, realizaria com Mário Carneiro, para o IPHAN, filmes e registros visuais de documentação de monumentos, obras e artistas. Considerado criador revolucionário à época do Cinema Novo, Joaquim Pedro surgia em oposição à chanchada e aos conhecidos padrões da Vera Cruz.

De 1953, quando aparecia com *Mendigo*, a 1981, quando encerrou a carreira com *Homem do Pau Brasil*, produziu 6 longas metragens, inúmeros curtas e docu-

mentários. A obra que lhe deu maior número de premiações, consagrando-o internacionalmente como um dos nossos mais brilhantes cineastas, foi *Macunaíma*. Sucessos marcantes prosseguiriam com *Os Inconfidentes*, *Guerra Conjugal* e *O Aleijadinho*, com roteiro de Lúcio Costa, que é dos registros mais sofisticados sobre a vida do escultor. Em maio de 1986 concluiu o roteiro *O Imponderável Bento Contra o Crioulo Voador*. Em seguida, depois de alguma hesitação, o cineasta resolveu enfrentar a tarefa de fazer também o roteiro de *Casa Grande, Senzala e Cia.*, inspirado no livro de Gilberto Freyre. Deixaria ainda concluídos projetos e roteiros para os filmes *As Minas de Prata*, adaptação do romance de José de Alencar, *Tampinhas e Galalaus, Vida Mansa* e *Defunto*, esse último homenagem ao poema do mesmo nome, de autoria de Pedro Nava.

Ao falecer no Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1988, vitimado por câncer no pulmão, andava às voltas com a produção do *Casa Grande e Senzala*, na companhia do produtor Marcelo França. O maior sonho depois de 8 anos sem filmar, acreditava que seria a obra prima de sua carreira. Chegou a realizar o orçamento para a produção e fazer a indicação dos principais atores.

No artigo "Se não tivesse morrido", publicado em *O Globo*, Affonso Romano de Sant'Anna escreveria:

Deveriam decretar que os artistas só morressem depois dos 80. Mesmo assim, se quisessem. Porque é uma indelicadeza lidar com eles quando estão no ápice de sua força criadora.

MARGARETH MONTEIRO • HISTORIADORA

O QUE DISSERAM SOBRE NÓS

Parabéns pela excelente editoração desse importante veículo de comunicação, *Isto é Inconfidência*, que prima pela atualização historiográfica. Na matéria "A viagem que não aconteceu", podemos nos deliciar, através de uma linguagem simples, objetiva, com a trajetória do alferes Tiradentes, em perspectiva documental inovadora, vista pelas lentes do saudoso historiador Herculano Mathias.

REGINALDO BARCELOS
HISTORIADOR

Agradeço, sensibilizada, a homenagem do *Isto é Inconfidência*, que traz na capa foto ampliada de Herculano Gomes Mathias, com tal realismo, que nos faz pensar que ele ainda esteja entre nós. O editorial e o último artigo de Herculano foram mais do que oportunos, abordando o assunto que mais o fascinava - Tiradentes.

JULIA GIL MATHIAS
ESPOSA DO HISTORIADOR

Agradecemos e acusamos o recebimento do boletim informativo *Isto é Inconfidência*, ano IV, nº 9, desse conceituado Museu. Parabéns por esse excelente instrumento de comunicação, que muito enriquecerá o acervo de nossa biblioteca.

ADALGISA MARIA BOMFIM D'EÇA
SUPERINTENDENTE REGIONAL DO IPHAN/BA

Associo-me à homenagem prestada ao saudoso historiador Herculano Gomes Mathias, que honrou a cultura mineira realizando trabalhos importantes sobre a época de Minas barroca. É com muita alegria que recebo *Isto é Inconfidência*, sempre com documentação preciosa para o estudo do passado mineiro.

JOSÉ BENTO FARIA FERRAZ
ANTIGO SECRETÁRIO DE MÁRIO DE ANDRADE

O projeto gráfico de Laís Freire dos Reis valoriza o conteúdo, tanto acadêmico cultural quanto informativo do seu prestigioso boletim. Queira receber nossos agradecimentos e os melhores votos de longa continuidade deste já famoso periódico.

PATRICIA CARVALHO
COORDENADORA DO MEMORIAL
PROF. ORLANDO CARVALHO

Recebemos *Isto é Inconfidência*, com excelente conteúdo e ótima apresentação. É algo que não acontece por acaso, mas como fruto do trabalho, dedicação e competência dos que o conduzem.

MARIA ELVIRA
DEPUTADA E PRESIDENTE INTERNACIONAL DO
FÓRUM DE MULHERES NO MERCOSUL

Agradeço a gentileza do envio de *Oficina do Inconfidência* e desejo-lhes muito sucesso na divulgação da revista.

MARIA JOSÉ LEANDRO
VEREADORA DE OURO PRETO

Recebemos e agradecemos *Isto é Inconfidência* nº 9. Desejamos continuar recebendo.

GRAÇA OGANDO
DA BIBLIOTECA DO ICHS/UFOP

É com muito prazer que acusamos e agradecemos o envio de *Isto é Inconfidência* nº 9.

SANDRA LÚCIA PINHO
DA BIBLIOTECA DO MUSEU IMPERIAL

Gostei muito de receber o novo número da *Revista Oficina do Inconfidência*. Como sempre excelente na apresentação e conteúdo. As "Reflexões" de Carmem Sílvia Lemos estão me ajudando a encaixar algumas peças no entendimento de detalhes da corrente de pensamento que vigorava nos primeiros tempos do IPHAN - que se completa com o artigo de Régis Duprat (pena que ele foi tão parcimonioso no escrever). Também muito rico é o artigo de Fernando Correa Dias que, aliás parece ter algumas datas que escaparam na revisão. Posso estar errada, mas observei na pag. 168, 1ª linha, a primeira data deve ser 1887 porque na pag. 145, 2ª e 3ª linhas, e referência, é 1887-1897 (e não 1987 a 1897) E na página 175, penúltimo parágrafo, 3ª linha, 1990, que imagino ser 1890.

LÍVIA ROMANELLI
ARQUITETA-RESTAURADORA

Nota da redação: Fernando Correa Dias confirma os erros. A responsabilidade seria da digitação, encomendada fora, ou da revisão.

Repercussão

A matéria assinada por Rui Ribeiro, publicada no número 8 de *Isto é Inconfidência* sob o título de A Cabeça de Tiradentes, foi usada como roteiro para reportagem do programa Fantástico, da Rede Globo. A equipe que esteve em Ouro Preto, constituída de jornalista e cinegrafistas, realizou o trabalho filmando acervo, aspectos urbanos da cidade e colhendo depoimentos de pessoas.

O fim que levou a cabeça do mártir da Inconfidência, exposta em gaiola no alto de poste na praça de Vila Rica, é assunto que continua a provocar as imaginações. Transformado em lenda pelo povo, ele passou para dentro da literatura e, agora, para a tela de TV.

Intervenção

A Sala Manoel da Costa Athaide, de exposições temporárias, foi criada para que o Museu pudesse trazer a arte contemporânea para o seu convívio. Ela realiza também mostras de natureza patrimonial. Conseguiu êxito verdadeiro quando tratou de apresentar a prataria da região ou concentrou-se, seja na pesquisa dos hábitos de higiene, seja no levantamento das condições de Ouro Preto ao tempo do Império. Mas o objetivo maior daquele espaço do Anexo I é promover a aproximação entre as criações dos séculos XVIII e XIX e a arte moderna, numa demonstração de que, através da superposição das tendências e estilos diversos, o que fica patente é o caráter unívoco das criações humanas nesse terreno.

Nessa linha, o Museu acabou realizando duas experiências no âmbito mesmo da sua exposição permanente. Cobriu a fachada do edifício com painéis de autoria do artista plástico mineiro Fernando Luchesi e agora, no mês de julho, o acervo exposto no grande salão do segundo piso recebeu a intervenção de peças de cerâmica modeladas por Nuno Ramos em cima de austeros móveis do nosso passado colonial.

Retorno

Terminada a exposição *Brazil: Body and Soul*, realizada pelo Museu Guggenheim, de Nova Iorque, chegaram de volta ao *Inconfidência* as peças emprestadas. Tudo na mais perfeita ordem, com os objetos na sua absoluta integridade. Ocorrida pouco depois do atentado contra as torres gêmeas do World Trade Center, a saída desse acervo para o exterior chegou a causar apreensão, havendo sido exigido reforço especial para garantir a sua segurança.

O êxito da mostra foi excepcional. Seiscentos mil visitantes puderam conhecer as obras do patrimônio brasileiro, que vem dia após dia despertando interesse no exterior. A repercussão na imprensa também registrou grande força.

Houve solicitação para que as peças, deixando Nova Iorque, tivessem uma passagem por Bilbao, na Espanha, mas a direção do *Inconfidência* entendeu que era chegada a hora de o acervo retornar à sua origem.

Jardim

A arquiteta Lívia Romanelli, apresentada do IPHAN, foi contratada pelo Monumenta para fazer os levantamentos preliminares necessários à licitação da obra de recuperação do jardim dos Contos, que se estenderá até o Pilar, pelos fundos das casas à margem do rio. O aparecimento dela em Ouro Preto chamou a atenção dos que já supunham, devido à demora das providências para a sua efetivação, houvesse o projeto sido postergado.

Esse trabalho de restauração e construção, de real envergadura, deverá mudar a paisagem de extensa área do centro da cidade, hoje reduzida a matagal.

Associação de Amigos

A presidente da Associação dos Amigos do Museu da Inconfidência,

Anna Amélia Faria, e Letícia Nelson de Sena, que também integra a direção da entidade, vêm demonstrando grande garra no esforço de captação de recursos para a reformulação da exposição permanente do Museu da Inconfidência. O trabalho desenvolvido deverá ganhar velocidade a partir do momento em que o projeto esteja aprovado pelo PRONAC, no Ministério da Cultura, o que está sendo aguardado para os próximos dias.

Um complemento de verba que permitiu modificações de última hora na construção do Anexo II, feitas pelo arquiteto, já foi bancada pela Associação. Essa obra, como se sabe, é o primeiro passo para a implantação da reforma geral do Museu. A Diretoria e a Secretaria se instalarão na nova dependência, para deixar livre, na sua totalidade, o prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia, tornando possível a ampliação do circuito expositivo.

Anexo II

A construção do Anexo II do Museu chegou ao fim. Trata-se de obra que pode ser considerada exemplar, na medida em que pôs em prática critério adequado para resolver o problema da inserção de um novo prédio na paisagem ouropretana, exatamente ao lado da Casa de Câmara e Cadeia. O projeto foi encomendado ao arquiteto Glauco Campello, ex-presidente do IPHAN, exatamente porque o assunto exigia muita sensibilidade e vivência das questões patrimoniais.

A solução apareceu ao serem utilizados elementos do vocabulário construtivo da região, com o objetivo de produzir resultado que convive com o entorno, sem afrontá-lo e sem constituir cópia do antigo. O cuidado que se observou no encaminhamento do assunto levou o diretor do Museu a entregar a fiscalização técnica da obra à arquiteta Marta D'Emery, que até recentemente esteve à frente da representação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico na cidade.